

61 5961/1/28
90 D.N - 1965
MENSAL

Têrça-feira, 7 de Janeiro de 1958

RUBEM BRAGA

VERÃO

hoje um carta puz e

*não tem
acontecido
nada, pelo
menos na
política
nacional.*

O QUE está acontecendo de realmente importante nestes últimos dias é que a Lua nasce, toda cheia, algum tempo antes de Vênus morrer do outro lado do céu. Fora disso, ou talvez por isso mesmo, há o que sempre houve nestes começos de verão: casais que estremecem, confusões conjugais e extra, ansiedade esparsa, viagens bruscas, suaves delíquios, noitadas vãs — e praia. Eia, pois, enfrentemos o verão, que o verão é a verdade do Rio.

O mais que vos aconselho é muita cajuada. Isso durante o dia. À noite, quando chegam os pensamentos maus, e é preciso acalmar os ardores de nossas almas tropicais, recomendo refresco de maracujá. Não adianta muito, para falar verdade — mas refresca.

Cuidado com telefonemas. Nesta época do ano, segundo estatísticas que jamais foram feitas, mas que estão na cara, é consideravelmente maior o número de ligações erradas — e também falsas-erradas; as linhas e os destinos cruzam-se com assustadora frequência, e, como todos os demônios estão soltos, há sempre alguém na extensão ouvindo o que não devia ouvir, o que não merecia, e que não precisava ouvir.

Queimam-se as mulheres. Umam se fazem cór de cobre, outras se doiram, em outras repontam discretamente sardas ao longo do corpo, como estrélas no firmamento. Reparem bem nesta comparação: é obviamente ruim, mas é tipicamente de verão, e o verão em si não é mau, nem bom. O verão, eu já vos disse, é a verdade do Rio. É a nossa profunda, verdadeira verdade. Soframo-la.